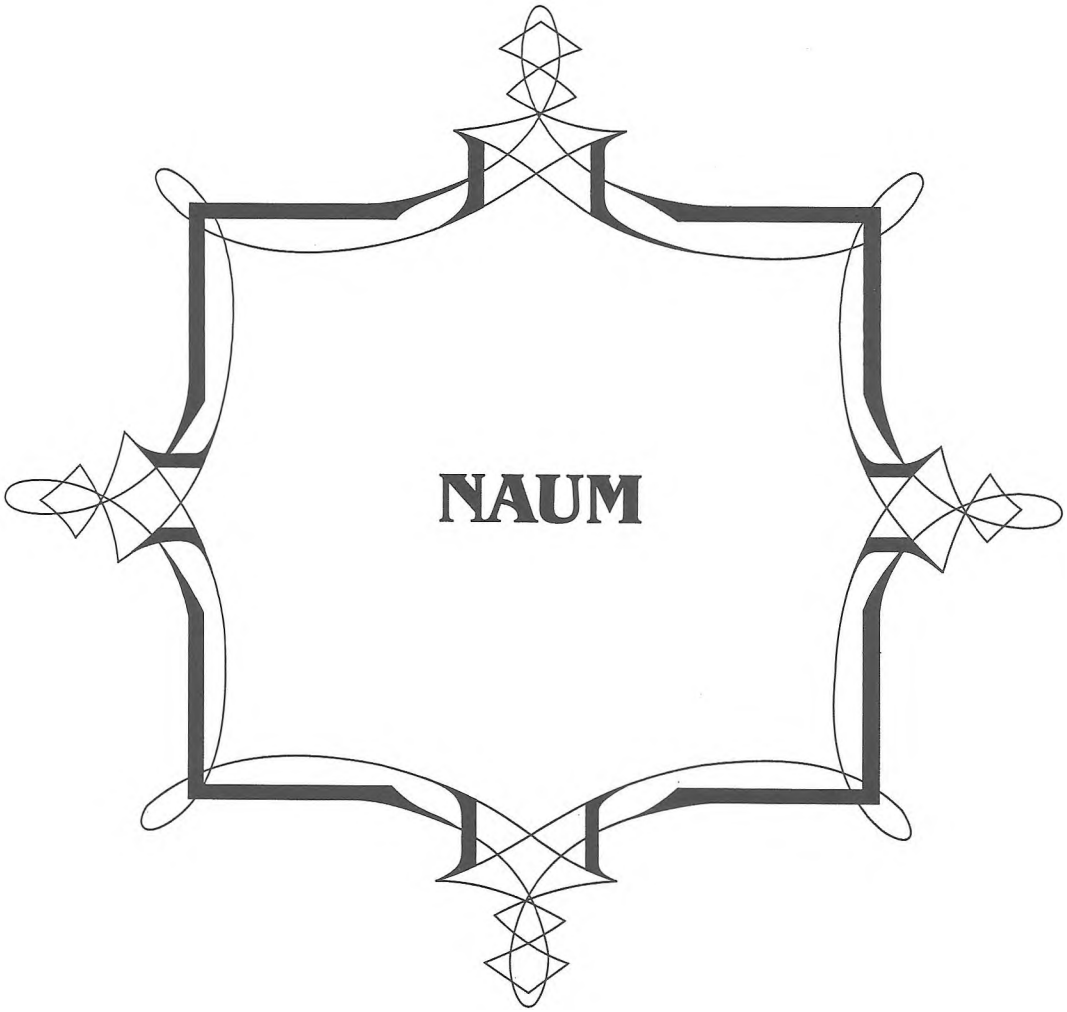
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

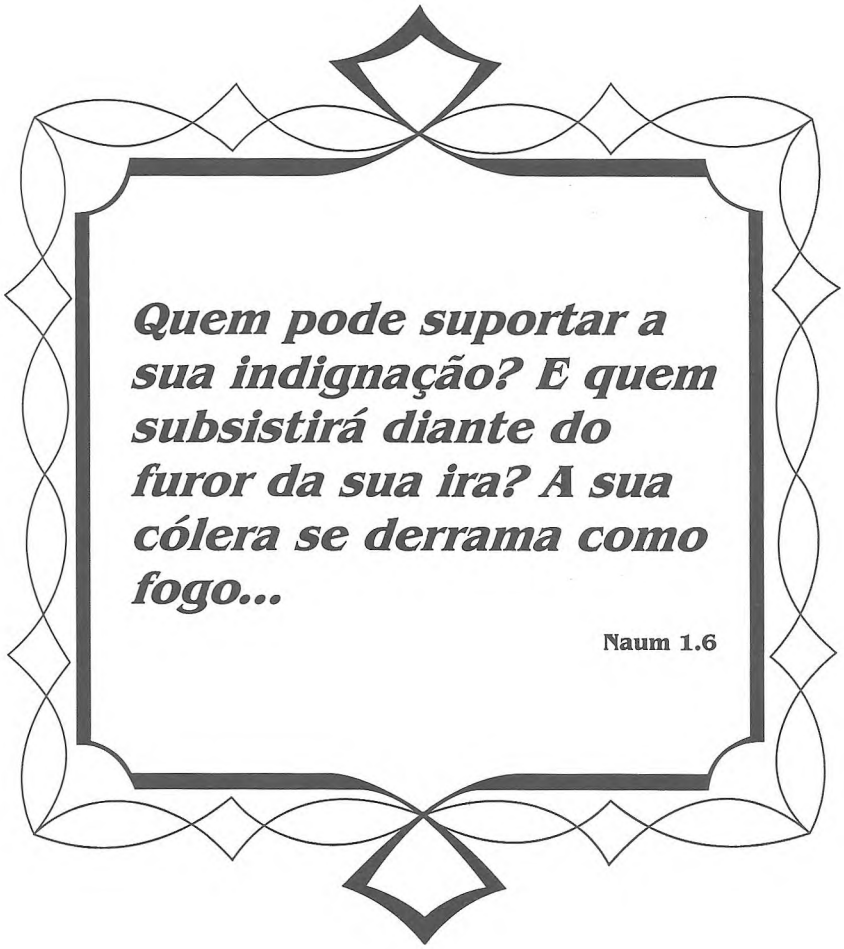
NAUM

HAGNOS



NAUM

O Livro que Profetizou a Queda de Nínive e do Império Assírio



Naum

3 Capítulos
47 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Pano de Fundo Histórico
II. Autoria
III. Data
IV. Conteúdo
V. Propósito e Principais Ensinos Teológicos
VI. Características Literárias
VII. Gráfico Histórico de Israel
VIII. Bibliografia

Abraão, ao receber a promessa de que seria o genitor de uma grande nação, teria sofrido certo número de surpresas se lhe tivesse sido narrado o curso da história futura daquela nação. Ele teria reconhecido o cumprimento da promessa que lhe foi feita no estabelecimento da monarquia unida, sob Saul, Davi e Salomão. Porém, teria ficado perplexo ao saber que a monarquia haveria de separar-se em duas nações distintas, que, por muitas vezes, se hostilizaram, a começar pelos respectivos reinados de Reoboão (no sul) e Jeroboão (no norte). Porém, quem poderia ter medido a sua consternação se ele tivesse sido informado de antemão sobre a destruição de *ambas* as nações, primeiramente a do norte (em 722 A.C.) e então a do sul (em 587 A.C.)? Bem, poderíamos indagar: "Qual a utilidade da promessa?". Não obstante, o melhor ainda estaria por vir, porquanto a história do povo de Israel só poderia ter cumprimento no Messias, filho de Abraão e filho de Davi.

A *Assíria* provocaria algumas das mais amargas surpresas de Abraão; porquanto foi essa potência que fez o reino do norte, Israel, desaparecer como organização política, e que deixou o sul esperando ser destruído, ao receber o golpe final da Babilônia. Mas, embora usada por Deus para punir a nação do norte, Israel, a Assíria não haveria de escapar às conseqüências de sua própria degradação. Isso posto, aprendemos que a vontade de Deus tanto atua através do processo histórico quanto transcende a ele, havendo uma lei da colheita segundo a semeadura que não respeita nem indivíduos nem nações, na precisão de suas operações. O livro do profeta Naum é uma predição profética que achou seu caminho garantido na história, porquanto os eventos que ali são preditos atualmente fazem parte da história mundial, no que concerne ao povo de Israel.

I. Pano de Fundo Histórico

Assíria. Este é o nome do império que dominou todo o mundo bíblico antigo, entre os séculos IX e VII A.C. A Assíria, entretanto, teve começos bem humildes, porquanto o seu território era apenas uma pequena região em formato triangular, entre os rios Tigre e Zabe. Ao norte e a leste fazia limites com a Media e com as montanhas da Armênia. Não obstante, a história desse antiqüíssimo povo pode ser acompanhada desde antes de 1700 A.C. Os séculos XVII a XI A.C., no caso da Assíria, são chamados os séculos do reino antigo, caracterizado pelo desenvolvimento de várias cidades-estados fortificadas. Com Tiglate-Pileser I (1114—1076 A.C.) começou o período do império assírio propriamente dito. Porém, antes mesmo disso, no século XIV A.C., a Assíria tinha poder comparável ao do Egito. E, pelo tempo em que se tornou um império, suas fronteiras se haviam expandido consideravelmente. De qualquer modo, devemos lembrar que as populações antigas, em comparação com os dados populacionais de hoje, eram pequenas, e que a força militar nem sempre podia ser aquilatada em termos de dimensões geográficas e de grande número de habitantes. A Assíria foi absorvendo várias populações com a passagem dos séculos, e assim suas fronteiras expandiram-se quase até as margens do rio Eufrates. Mas ela só atingiu uma posição de domínio mundial quando entrou em aliança com a Babilônia. No que concerne a áreas geográficas, a Assíria e a Babilônia representavam praticamente a mesma coisa. Os assírios eram semitas de raça, vigorosos de corpo e de disposição alegre, a julgar por suas muitas festas e festivais. Mas a história também demonstra claramente que eles eram implacavelmente cruéis.

Nínive. Esta era a principal cidade e a última capital da Assíria. Foi fundada por Ninrode, depois que ele deixou a Babilônia. Escavações arqueológicas que se aprofundam no solo até 25 m mostram-nos que o sítio vinha sendo continuamente ocupado desde tão cedo quanto 4500 A.C. Em cerca de 1800 A.C. (nos tempos de Sansi-Hadade), a cidade entrou em contato com uma colônia assíria chamada Canis. Foi então que a Assíria se tornou uma entidade independente da Babilônia. Importantes fortificações e palácios foram construídos durante os reinados de Salmaneser I (1260 A.C.) e Tiglate-Pileser I (1114—1076 A.C.). Assurbanipal (já em 669 A.C.) fez dessa cidade a sua principal residência. A cidade de Nínive foi destruída em 612 A.C., graças aos esforços combinados dos medos, babilônios e citas. Mas só caiu por causa das brechas feitas em suas muralhas defensivas pelas águas do enchente (Naum 2.6-8). Naum descreveu vívida e profeticamente a queda da cidade que, no auge da prosperidade, era cercada por uma muralha interior cuja circunferência media cerca de doze quilômetros. E sua população somava mais de cento e setenta e cinco mil pessoas.

A Assíria e a Bíblia. Os livros bíblicos de Jonas e Naum formam um par. Jonas (em 862 A.C.) predisse a destruição de Nínive, a menos que seus habitantes se convertessem. Naum previu que o julgamento cairia cento e cinqüenta anos mais tarde, várias gerações depois da época de Jonas.

Em 745 A.C., Tiglate-Pileser III tornou-se rei da Assíria e deu início a campanhas militares que, no espaço de vinte e cinco anos, puseram fim a Israel, o reino do norte. Essas aventuras militares, embora não tivessem significado a destruição de Judá, chegaram a pôr em sério perigo a sua independência. Oséias, o último monarca do reino do norte, negou-se a pagar tributo aos assírios. Acabou aprisionado. Samaria, sua capital, foi invadida e arrasada até o rés do chão. Os registros assírios documentam que nada menos de 27.290 habitantes da cidade de Samaria foram deportados, e que estrangeiros foram enviados para habitar no lugar deles.

Senaqueribe invadiu Judá, em 701 A.C. Ezequias resistiu aos assírios, e somente devido à divina intervenção (ver Isa. 37.36) Jerusalém foi salva da conquista e do saque. Apesar disso, quarenta e seis cidades de Judá foram capturadas. Judá, nos dias do rei Manassés, tornou-se um reino vassalo da Assíria. Porém, foi a partir daí que o poder assírio começou a declinar. O Faraó Neco, temendo a Babilônia, que cada vez mais avultava em potência, aliou-se à Assíria e obteve por consentimento o controle de Judá e da Síria. Entretanto, os babilônios gradualmente obtiveram o predomínio. O Faraó Neco e Assur-Ubalite foram totalmente derrotados pela Babilônia. Judá tornou-se reino vassalo da Babilônia e foi então que tanto a Assíria quanto Judá, reino do sul, chegaram ao fim. Jerusalém caiu em 587 A.C. e, então, seguiu-se o cativeiro babilônico. O gráfico da seção VI a seguir traça os eventos tão sucintamente mencionados aqui.

II. Autoria

Os intérpretes apresentam certo leque de idéias quanto à autoria do livro de Naum, a saber:

1. Alguns eruditos liberais sugerem que o autor foi um poeta historiador e não um profeta, visto que, segundo eles pensam, falta ao livro a ética, a religião e o gênio típicos dos profetas. O nome *Naum* significa "consolo (de Deus)", o que pode ser entendido como uma tentativa metafórica de dizer: "Este livro, designado *consolo,* visa dar a Israel motivos para regozijar-se. Portanto, deixai-vos consolar, porque um antigo inimigo foi derrotado".

2. Embora o livro deva ser considerado uma profecia genuína (em contraste com a primeira posição, acima), o título "Naum" pode ser visto como um *nom de plume,* o que é evidenciado pelo fato do que, neste livro, não dispomos de informações acerca do profeta Naum. Além disso, a cidade de onde supostamente ele veio, "Elcós", é totalmente desconhecida pelos estudiosos. O nome do autor, bem como sua origem, são meros artifícios literários, e não fatos históricos genuínos. Todavia, Jerônimo identificava Elcós com Elcesi, uma pequena aldeia da Galiléia, onde havia, em seu tempo, algumas antigas ruínas. Entretanto, não dispomos de meios para confirmar ou negar essa suposição de Jerônimo. Eusébio também identificava Elcós com Elcesi, presumível localização palestina, embora não tivesse dado nenhuma informação que agora nos permita sustentar sua afirmação. Alguns antigos escritores sugeriram Alcus como a cidade natal de Naum; no entanto, essa era uma aldeia fora das fronteiras de Israel e, portanto, muito improvável. A aldeia ficava a dois dias de jornada distante de Mosol (antiga Nínive), razão pela qual tal identificação começou a ser artificialmente feita, a partir do século XVI. Os turistas são encaminhados até o suposto túmulo de Naum, nesse lugar. Mas a ausência de quaisquer informações geográficas e pessoais sólidas, no tocante a "Naum", sugerem que estamos tratando apenas com um pseudônimo, e não com o nome verdadeiro de uma pessoa real.
3. *Outros estudiosos aceitam a autenticidade* tanto do nome do autor quanto do fato de que ele escreveu seu livro como uma profecia. Embora esse nome não possa ser encontrado em todo o Antigo Testamento, senão no próprio livro assim chamado, não há razão para pormos de lado as informações ali providas. Tal nome tem sido achado inscrito em algumas *ostraca* (ver a respeito no *Dicionário*). Até o século XIX, ninguém se aventurara a lançar dúvidas sobre a autoria e a autenticidade do livro como uma profecia. Mas essas dúvidas são essencialmente destituídas de base, não passando de raciocínios subjetivos. O simples fato de o nome *Naum* significar "consolo de Deus" dificilmente milita contra sua existência, a menos que insistamos, por razões particulares, em que esse uso deve ser metafórico. É verdade que nada conhecemos acerca de um profeta chamado "Naum", excetuando aquilo que se pode inferir por meio do próprio livro, mas nossa falta de conhecimento dificilmente pode servir de prova de que o profeta Naum nunca existiu. Além disso, muitas cidades obscuras da Palestina devem ter existido, mas nenhum historiador se importou em deixar registradas por escrito. Josefo, ao listar muitas cidades e vilas da Galiléia, nunca mencionou Nazaré, embora ela tenha, realmente, existido.
4. *O Estilo do Autor.* O original hebraico do livro de Naum é "claro e vigoroso", e seu estilo é prenhe de animação, fantasia e originalidade. O livro tem certa suavidade e delicadeza, alternada por uma dicção rítmica, sonora e majestática, sempre que o assunto requer tal coisa. À semelhança de Isaías, ele usou paronomásias, ou seja, assonâncias verbais. É possível que Naum tenha sido um contemporâneo mais jovem de Isaías. Seu hebraico é puro e clássico, podendo ser atribuído à época da segunda metade do governo de Ezequias. Vários autores têm-no mencionado como um brilhante poeta.
5. *Outras Idéias.* Pouquíssimo se sabe sobre o homem Naum, a quem é atribuída a autoria do livro com seu nome. Coisa alguma se sabe sobre esse profeta, a não ser aquilo que consta nesse livro. A segunda parte do título, que atribui o livro a Naum, de acordo com alguns especialistas, como Smit e Goslinga, teria sido uma adição, com o propósito de preservar o nome do profeta.
   Outros eruditos, entretanto, pensam que o nome Naum seja um pseudônimo, porque, visto que *Naum* significa "consolo (de Deus)", o seu livro haveria de consolar o povo de Israel.

Mais de um Autor? Ainda outros estudiosos argumentam que o primeiro capítulo do livro de Naum não forma unidade com os dois capítulos finais. No entanto, até o ano de 1892, não surgira nenhuma dúvida de que o livro de Naum fosse uma unidade. Não obstante, Bickell asseverou que ele descobriu o que pensava serem os remanescentes de um salmo alfabético em Naum 1.1-7, e tentou reconstruir todo o trecho de Naum 1.2,3, obtendo assim vinte e dois versículos que começam com as sucessivas letras do alfabeto hebraico. Com outra variedade de técnica de reconstituição, Gunkel, em 1892, seguindo o esquema proposto por Bickell, produziu uma reconstituição um tanto mais plausível. Gunkel acha que descobriu que Sobai (ou Sobi) era o nome provável do autor do livro.

III. Data

Nosso raciocínio pode ser influenciado tanto por fatores históricos quanto por fatores psicológicos, a saber:

1. Com base em uma suposição a priori, alguns eruditos liberais defendem que o livro de Naum é uma história poética, e não uma verdadeira profecia, insistindo então em uma data posterior a 612 A.C., o ano da queda de Nínive. Presumivelmente, a jubilosa explosão que há no livro, diante da queda de um poderoso inimigo, trai um poeta que *observou,* e não um profeta que previu. Entretanto, após exame do livro, vê-se que as qualidades éticas e religiosas do profeta Naum foram subestimadas por esses especialistas.
2. Alguns eruditos supõem que parte do livro de Naum consista em profecia, e outra parte, em história; e, consoante a isso, sugerem datas imediatamente antes e depois de 612 A.C. Isso nos envolve em raciocínios subjetivos que não podem ser comprovados objetivamente. A questão é tremendamente controvertida, e todas as discussões a respeito não têm servido para iluminar a questão da data da composição do livro.
3. *A maioria dos eruditos do Antigo Testamento* data o livro de Naum entre 664 e 612 A.C. Esse ponto de vista alicerça-se sobre o fato de que o trecho de Naum 3.8-12 menciona a destruição de Tebas (a No-Amom desse texto), durante os dias de Assurbanipal (664—663 A.C.), como um acontecimento que já teria ocorrido. Naum, pois, deve ter escrito seu livro após esse evento. E, no caso de o livro ser uma profecia, deve ter sido escrito antes de 612 A.C., a data da queda de Nínive, um evento predito na obra. Todavia, não há como provar exatamente quando, entre essas duas datas, a composição foi escrita. A maioria dos intérpretes, contudo, supõe que se deve pensar em uma data mais próxima da destruição de Nínive, do que uma data mais distante dessa destruição. Nada melhor do que isso alguém conseguiu propor.
4. *Fausset,* insatisfeito com uma data imprecisa, apresentou uma série de comparações históricas entre as idéias de Naum e as idéias de outros profetas, relacionando esses dados com os livros de Reis e de Crônicas. Ele via Senaqueribe ainda assediando Jerusalém, em Naum 1.9-12. E supôs que Naum aludiu a isso em parte como história e em parte como profecia, naquele trecho. Com base em todas as suas conjecturas, ele extraiu 713--710 A.C. como a data da escrita do livro de Naum. Mas tudo isso entra em conflito com a história descrita no terceiro ponto.
5. *Outras Idéias.* O livro de Naum, segundo alguns eruditos, pode ser datado dentro de uma variação de meio século. A fixação da data de sua escrita tornar-se-ia possível por meio de dois eventos principais: a queda de Tebas, que ocorreu por volta de 668 A.C., e a queda de Nínive em 612 A.C. Por igual modo, no tocante à autoria do livro de Naum, há multas posições diversas, quanto à data desse poema.

Para Robert Pfeiffer, a iminência da queda de Nínive parece argumentar em favor de o livro de Naum ter sido escrito pouco antes da destruição dessa cidade.

Alguns estudiosos destacam Naum 3.13, afirmando, então, que a Assíria e Nínive se tinham sentido ameaçadas. Sabe-se que, pouco depois da morte de Assurbanipal, que ocorreu por volta de 626 A.C.,

os assírios sentiram-se um tanto ameaçados, porquanto seu domínio sobre os territórios ocidentais era frouxo. De acordo com Heródoto, para piorar as coisas, Nínive fora cercada pelas tropas do medo Ciaxares, antes de este haver sido convocado de volta à sua terra, porquanto estava invadindo a Assíria, em conseqüência de uma invasão contra seu próprio país. Isso aconteceu por volta de 625 A.C. Hitzig, Kuenen, Corniil e outros estudiosos advogam a posição de que o livro de Naum foi escrito não muito depois daquele citado assédio, porquanto a Assíria estava sob ameaça, e também porque Naum indicou que Judá continuava sob o jugo da Assíria.

De acordo com a opinião de J.M. P. Smith *(Expositor's Bible),* a iminência da queda de Nínive pode ser percebida no texto do livro de Naum, e esse estudioso também advoga a idéia de que as evidências internas indicam que a cidade de Nínive estava nadando em grandiosidade e poder militar. Talvez ele estivesse aludindo ao trecho de Naum 2.9. Segundo Smith, isso não poderia ser dito como verdade no tocante ao período de tempo imediatamente após a morte de Assurbanipal, em 626 A.C.

Contudo, na realidade, se tivermos de determinar uma data definida, seja ela imediatamente após a queda de Tebas, ou pouco antes da destruição de Nínive, não é uma conclusão tão importante como aquela que diz que o livro de Naum foi escrito entre esses dois eventos históricos; porque, se alguém defende essa posição, conforme fazem alguns estudiosos, dizendo que o poema foi escrito após a queda de Naum, então o homem Naum teria sido apenas um eloqüente poeta e um excelente historiador, mas não um profeta, pois o seu livro seria história, e não predição profética.

IV. Conteúdo

"A profecia de Naum tanto é um complemento quanto uma contraparte do livro de Jonas", disse Pusey. Os três capítulos do livro de Naum podem ser vistos como um único poema; mas cada capítulo, mesmo considerado separadamente, é digno de atenção.

O primeiro capítulo tem sido chamado, por alguns autores, de ode à Majestade de Deus. Pode ser dividido em três porções:

1. *Subtítulo* (1.1). O autor fala sobre a sua "sentença", que era ao mesmo tempo a sua "visão". Isso revela o caráter sobrenatural do livro. Podemos supor algum tipo de inspiração por trás de uma composição escrita em forma de poema. Aliás, largos segmentos do Antigo Testamento foram compostos como poemas, como os Salmos e muitas passagens de Isaías, Jeremias, Oséias, Joel etc.
2. *A Descrição da Majestade de Deus* (1.2-8). Nesses versículos, o poeta profeta enfatiza os poderes e a resolução de Deus, mediante os quais Ele efetua os Seus desígnios. O autor usou descrições alicerçadas sobre a natureza, a fim de adornar suas palavras. A mensagem é: A majestade de Deus, Sua exaltada posição, requer que o mal seja julgado.
3. *A Descrição da Confusão da Assíria e a Restauração de Judá* (1.9-11,14—3.19): Deus dirige-se aos assírios e promete que Seu povo será vingado com toda a certeza. Os vss. 12 e 13 incluem uma promessa de descanso e alívio futuro da opressão.

O segundo capítulo é homogêneo, descrevendo o cerco e o saque de Nínive. As qualidades do autor sagrado, como poeta, tornam-se especialmente patentes neste trecho.

O terceiro capítulo caracteriza longamente a maldade de Nínive, salientando certo número de causas de sua queda final. Fausset ressalta que o trecho de Naum 3.19 serve de poderoso clímax porquanto este versículo afirma que não há cura para a ferida da Assíria.

Por todo o livro há um tema moral que se repete: Deus, por ser santo, deve julgar o pecado. Esse tema torna-se ainda mais solene quando consideramos que a cidade de Nínive, que finalmente caiu, gerações atrás se entregara ao arrependimento.

Esboço:

Naum 1.1. Título do livro e breve referência ao autor.

Título: é duplo, a saber, o oráculo sobre Nínive e o livro da visão de Naum, o elcosita.

Autor: Naum, o elcosita.

I. 1.2-8. Estes versículos iniciais são uma introdução na qual o autor sagrado descreveu alguns dos atributos de Deus:

1. *Paciência*—Deus é descrito como um Ser tardio em irar-se (1.3).
2. *Justiça*—Paralelamente à sua paciência, Deus também é descrito como um Ser dotado de justiça divina. Por um lado, a ira vingadora contra os ímpios (1.2); por outro lado, uma fortaleza onde os piedosos podem refugiar-se (1.7).
3. *Poder*—Tanto os homens quanto a natureza prostram-se diante do poder de Deus. O mar resseca-se (1.4); os rios extravasam (1.8); as montanhas estremecem diante de Deus (1.5); as rochas partem-se sob o furor de Sua ira (1.6); mas, acima de tudo, quem pode resistir à sua indignação? (1.6).

II. 1.9-15. *O retrato do opressor* de Judá e a promessa de que o jugo seria quebrado. Nessa seção é enfocada "a expedição malsucedida de Senaqueribe", como também é prometida a remoção da opressão de Judá.

III. 2.1-13. *Vívida descrição da queda de Nínive.*

2.1. Uma irônica conclamação para que os ninivitas se fortalecessem, Soldados e armamentos parecem ser descritos em Naum 2.3 como que se preparando para uma parada militar, e não para uma batalha. Logo a parada transformar-se-ia em um tropel de cavalos e carros de guerra (2.4).

O Senhor dos Exércitos julgou a cidade de Nínive que foi inundada, saqueada e deixada em desolação. As servas da cidade gemem tristemente, pois o covil dos leões foi destruído (2.7-13).

IV. 3.1-19. *Nínive é comparada a Nô-Amom, ou seja, Tebas* (3.8), visto que a destruição foi completa.

Látegos, pranto e rodas—os látegos para cortar as rodas para trilhar. Mas por que tanto choro? A sentença é anunciada: "És tu melhor do que Nô-Amom...?" (3.1-8).

Essas palavras foram proferidas como uma profecia pelo profeta de Yahweh. O povo assírio já havia provado um pouco o poder das nações opressoras (3.13); e, em breve, estas palavras também teriam cumprimento: "Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias...".

V. Propósito e Principais Ensinos Teológicos

Propósito. O livro de Naum tem, basicamente, duplo propósito. O primeiro é profetizar sobre o julgamento de Nínive mediante a providência vingadora de Deus; e o segundo é um poderoso alento consolador à nação de Judá, que seria tirada de sob o tacão assírio.

A razão desse julgamento aparece em Naum 3.4,5. "Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias, que vendia os povos com a sua prostituição e as gentes com as suas feitiçarias. Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos...".

Por semelhante modo, da mesma maneira que Nínive seria destruída, Judá seria liberada do domínio assírio. "Mas de sobre ti, Judá, quebrarei o jugo deles, e romperei os teus laços..." (1.13).

Principais Ensinos Teológicos. Se contemplarmos o mundo através do prisma formado por Naum, os acontecimentos históricos serão polarizados em uma antítese. Os poderes mundiais são todos representados pela Assíria e por Judá, emblemas dos inimigos de Deus e do Seu reino, respectivamente.

Por igual modo, se olharmos através desse prisma de Naum, a teologia está distintamente dividida em duas facções adversárias: os bons e os maus. Os bons serão eternamente consolados, e os maus serão devidamente julgados na perdição eterna. Os bons são retrata-

dos como não tendo nenhuma mácula. Contudo, em seu livro, o autor não reflete as características da história interior ou os méritos de sua própria geração.

E o ensino que recolhemos do retrato sobre a nação de Judá não é o de julgamento do povo de Deus, e, sim, de refúgio para aqueles que se valem da fortaleza que é o Senhor (1.7).

Através do profeta Jonas, Deus revelou a Sua longanimidade; mas Naum foi usado para anunciar outro tipo de ensino sobre as atitudes de Deus. Naum nos fala sobre o poder de Deus, um poder capaz de controlar a natureza e os homens, um poder que libertaria a nação de Judá (1.13). Mediante o exemplo de Nínive, aprendemos um lado espantoso dos atributos de Deus. Acima de tudo, aprendemos que aquele que blasfema contra Deus não deixa de receber a sua paga.

VI. Características Literárias

Os eruditos de todas as especialidades bíblicas concordam quanto à excelente qualidade dos poemas de Naum. Se se trata de uma profecia genuína, conforme opina a maioria dos estudiosos (o que não foi lançado em dúvida até o século XIX), então se trata de uma profecia vazada em tom altamente poético. Alguns críticos sugerem que o livro se compõe de cinco poemas. Essa idéia pode incluir a variação de que o trecho de Naum 1.2-10 era um antigo poema acróstico, prefixado à composição original. No entanto, somente por meio de emendas violentas é possível trazer à existência um poema acróstico ali. Para outros, o trecho de Naum 1.11—2.22 não era parte original do livro, mas foi apenas um acréscimo editorial, inserido tão tardiamente quanto 300 A.C. Unger, um erudito de nossos dias, rejeita essa idéia como um exemplo do subjetivismo usado por muitos críticos. Outros estudiosos pensam que o livro de Naum consiste em um único poema, embora posse ser dividido em várias porções, de acordo com conteúdos específicos.

Qualidade Teológica e Moral do Livro. A qualidade poética destacada dessa obra não deveria obscurecer o fato de que Naum também se reveste de excelente qualidade profética. Aqueles que querem ver o livro como se fosse apenas uma obra poética e histórica exibem a tendência de degradar o conteúdo espiritual do texto. Como é óbvio, o autor sagrado entusiasmou-se diante da queda prevista da Assíria, mas esse entusiasmo não é o único conteúdo do livro. Podemos discernir em Naum os seguintes elementos morais e teológicos:

1. O caráter de Deus, mormente a Sua santidade, requer a justiça (1.2,8).
2. Teísmo: Deus faz-se presente no mundo. Ele julga e galardoa (1.9-15).
3. O amor de Deus fá-lo ser paciente, embora com limites (1.2,3).
4. Uma potência mundial, a despeito de toda a sua glória, pode constituir-se em inimiga de Deus. Essa é a mensagem central do livro.
5. Todo o julgamento divino tem uma causa. O terceiro capítulo de Naum esboça várias razões do julgamento de Nínive.
6. Nínive serviria de exemplo para outras comunidades. Rejubilemo-nos diante do juízo divino. Mediante o juízo, Deus faz coisas que não poderia fazer por outros meios (3.19).

VII. Gráfico Histórico de Israel

Abraão (1900 A.C.)	*Assíria-Babilônia*
Jacó (1750 A.C.)	Estado assírio independente (1800 A.C.)
	Reino Antigo (1700—1100 A.C.)
	Expansão dos limites (1700 A.C.)
Êxodo do Egito (1490 A.C.)	
Entrada na Palestina (1425 A.C.)	
Instituição dos juízes (1425 A.C.)	Soerguimento de Nínive (1260 A.C.)
	Cidades-estados fortificadas (1114—1706 A.C.)
Samuel, último juiz (1035 A.C.)	
Monarquia unidade (1050—930 A.C.)	
Divisão em duas nações (931 A.C.)	
Profecia de Jonas (862 A.C.)	Nínive é poupada (862 A.C.)
Israel sob cerco (745 A.C.)	Senaqueribe devasta Judá (701 A.C.)
Queda de Samaria (722 A.C.)	Declínio da Assíria (687 A.C.)
Judá, vassalo da Assíria (700 A.C.)	Queda de Nínive (612 A.C.)
Profecia de Naum (664—612 A.C.)	
Judá, vassalo da Babilônia (609 A.C.)	Fim da Assíria (609 A.C.)
Queda e exílio de Judá (597—587 A.C.)	A Babilônia torna-se senhora do mundo (609 A.C.)

VIII. Bibliografia

AM E EX ED FA HALD HALL I LAN PU UN Z

Ao Leitor

O leitor sério, antes de lançar-se ao estudo do livro de Naum, aproveitará a Introdução, onde discuto temas importantes que dizem respeito à composição: pano de fundo histórico; autoria; data; conteúdo; propósito e principais ensinos teológicos; características literárias. Um gráfico histórico localiza Naum na seqüência dos principais eventos da história de Israel. Embora o livro de Naum seja pequeno, com apenas 3 capítulos e 47 versículos, ofereço uma introdução bastante detalhada.

Naum é um dos chamados *Profetas Menores* (que constituem os últimos 12 livros do Antigo Testamento). O termo "menor" refere-se meramente à quantidade de material que esses profetas produziram, e nada tem que ver com a importância pessoal dos próprios profetas. A *pequena quantidade* de material escrita por esses profetas é contrastada com a *grande quantidade* produzida pelos *Profetas Maiores:* Isaías, Jeremias e Ezequiel. Os doze *Profetas Menores* foram agrupados juntamente num rolo, como se fossem um único volume, pelos eruditos judaicos que o chamavam de "o livro dos Doze".

Ver o *gráfico* no início da exposição do livro de Oséias, onde apresento informações sobre os profetas do Antigo Testamento, incluindo sua ordem cronológica.

Naum, tal como os demais livros proféticos do Antigo Testamento, foi provocado por movimentos de potências internacionais. "O poderoso império assírio, cujo poder foi, durante séculos, sentido e temido, da Mesopotâmia ao Mediterrâneo, ruiu rapidamente após a morte de Assurbanipal (cerca de 630 A. C.). Sob o assédio combinado dos vigorosos medos do norte, da Pérsia e dos caldeus, do sul da Babilônia, caiu a antiga cidade de Assur, em 614 A. C. Quando a renomada cidade de Nínive foi destruída, em 612 A. C., terminou o domínio assírio do Oriente Próximo e Médio" (*Oxford Annotated Bible*, na introdução ao livro de Naum).

A Assíria tinha caído, e seus muitos inimigos se regozijaram. A prolongada sujeição e temor tinham desaparecido, e muitos povos celebraram a queda da cidade. O livro de Naum, pois, foi um dos escritos que refletiram essa celebração. A queda da Assíria foi considerada intervenção direta de Yahweh, o Deus de Israel, o qual, finalmente, fez essa potência colher o que havia semeado. Os críticos datam o livro de Naum em cerca de 626-612 A. C., fazendo dele uma observação histórica apresentada como se fosse uma profecia. Mas os estudiosos conservadores vêem o livro como pura profecia e o datam por volta de 650 A. C. Ver o gráfico na VII seção da *Introdução* quanto à história da Israel em miniatura, onde coloco esse livro dentro do esquema das coisas, e também a III seção, intitulada *Data*, onde a questão é abordada com detalhes.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Poema Acróstico (1.1-9)

Quanto a notas expositivas completas sobre o artifício literário chamado *acróstico,* ver a introdução ao Salmo 34. Os dizeres são introduzidos por sucessivas letras hebraicas, seguindo a ordem alfabética. Entretanto, há aqui uma perturbação que pode refletir a intervenção de um editor subseqüente que não preservou a suposta forma original da introdução. A forma literária do acróstico pode produzir uma bela expressão poética, mas geralmente impede o fluxo livre da mensagem.

1.1

Sentença contra Nínive. Este *oráculo* foi chamado, literalmente, de "sentença" ou "peso", visto ser uma mensagem pesada e difícil, mas que devia ser suportada pelos ímpios. Era uma *mensagem difícil* contra Nínive, pois o tempo da queda do império assírio tinha finalmente chegado. Nínive não seria capaz de carregar esse peso. Quanto a oráculos chamados *pesos* ou *sentenças,* cf. Isa. 13.1; 15.1; 17.1; 19.1; 21.1,11,13; 22.1; Jer. 23.33,38 e Hab. 1.1. A *visão* é o meio de revelar a sentença.

O elcosita. A cidade em vista é *Elcós.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Elcós, Elcosita,* quanto a detalhes. As tradições concernentes a esse lugar, que põem ali o túmulo de Naum, são todas incertas. Durante séculos, lendas têm afirmado que o lugar era próximo de Nínive. Parte da história diz que os cativos de Israel foram deportados para lá (durante o cativeiro assírio), e Naum estava entre os cativos. Mas o fato é que Elcós era desconhecida, e as tradições provavelmente não têm valor histórico algum. Jerônimo põe Elcós na Galiléia, mas outros estudiosos a colocam em Judá.

A profecia de Naum ocorreu cerca de 135 a 150 anos depois da profecia de Jonas. O arrependimento dos ninivitas, no caso do profeta Jonas, adicionou esses muitos anos à vida nacional da Assíria, mas tal chance não seria estendida novamente aos assírios. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Assírio.*

1.2

O Senhor é Deus zeloso e vingador. Temos aqui uma série de afirmações assustadoras. Um Poder vingativo atacava. Esse Poder é um *Deus zeloso* (ver Deu. 4.24; 5.9; 6.15; 32.16,21)! Ele estava ofendido pelo que a Assíria fizera contra o Seu povo. Seu povo era Seu *filho* (Êxo. 4.22), que aqueles réprobos estavam maltratando. Esse Deus zeloso também era o Deus vingativo, e foi por essa razão que a Assíria terminou tão mal. Esse Deus também estava cheio de *ira,* e isso O levou a ferir e esmagar os ofensores. Os inimigos de Deus são objetos de Seu ódio e de Seu poder demolidor. Os assírios deviam ter parado de aniquilar outras vítimas. Quando eles puseram suas mãos imundas sobre Israel, isso era ir longe demais na ousadia. Quanto à vingança de Deus, ver Deu. 32.35,41. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira de Deus.* Houve ocasião em que 185.000 invasores assírios foram aniquilados diante dos portões de Jerusalém (ver II Reis 19.35-37). Mas isso nada foi, em comparação com o que aconteceu mais tarde, quando os babilônios e seus aliados puseram fim ao poder opressor dos assírios. Esse foi um ato de Yahweh, que defendeu a honra de Seu povo.

1.3

O Senhor é tardio em irar-se. *As boas novas* é que esse Deus temível não age com precipitação nem arbitrariamente. Ele vive buscando os pecadores, a fim de abatê-los, mas Sua ira se contém e é controlada pela vontade divina, esperando o tempo certo para castigar. Deus tem *grandíssimo poder,* mas Ele é, igualmente, o poder que restringe atos precipitados, até chegar o momento certo para agir. Por outro lado, Deus não chega somente para punir os culpados. Em primeiro lugar, um profeta sai a dizer ao povo o que acontece quando não há arrependimento em relação a feitos ousados. O povo precisa ser levado a sentir a ira de Deus. Se o povo estremecer e se arrepender, poderá sair da crise sem maiores incidentes. Naturalmente, o povo terá de começar a viver de modo diferente, antes que a panela de Deus comece a ferver com o calor da ira divina. Quanto à longanimidade Deus, cf. Êxo. 34.6; Núm. 14.18; Nee. 9.17; Sal. 86.15; 103.8. 145.8; Joel 2.13 e Jon. 4.2.

"Deus é longânimo e paciente (ver II Ped. 3.9) por causa de Seu desejo que as pessoas se arrependam. Isso foi demonstrado pelo fato de que Jonas foi enviado a Nínive, cerca de cem anos antes que Naum começasse a profetizar" (Elliott, E. Johnson, *in loc.*).

... mas grande em poder. Deus tem o poder de efetuar *mudanças na natureza:* "Onde o Senhor vai, redemoinhos e tempestades exibem o Seu poder; as nuvens são a poeira levantada pelos Seus pés" (NCV). Se Ele tem poder sobre a natureza, que ultrapassa do controle de qualquer ser humano, então por certo Ele tem poder sobre os homens. Cf. esta parte do versículo com Jó 9.17. Quanto à questão das nuvens e da poeira, ver II Sam. 22.10 e Sal. 18.9. Cf. este versículo com Hab. 3.6-10.

1.4

Ele repreende o mar, e o faz secar. Este versículo prossegue com a descrição do poder de Deus sobre a natureza, dando a entender que Ele pode fazer qualquer coisa que Lhe agrade, no caso do mero homem. Deus pode repreender o mar e fazê-lo secar-se, como sucedeu quando Israel ficou entalado entre o exército egípcio e o mar Vermelho (ver Êxo. 14.21; Sal. 66.6; 106.9; Isa. 50.2; 51.10). O Senhor resseca os rios ou desvia-os de seu leito normal, como fez com o rio Jordão, quando este servia de empecilho para que o povo de Israel chegasse à Terra Prometida. As áreas férteis de Basã e Carmelo se ressecaram diante de Sua palavra; Deus enviou a seca e ventos quentes da parte do oriente. Basã era regada pelo rio Iarmuque, e o Carmelo ficava à beira-mar, onde obtinha grande abundância de chuvas. Mas Deus reverteu o curso normal da natureza e ressecou aqueles lugares. A cadeia do Líbano, ao norte, continua Síria adentro, e era famosa por suas florestas de cedro, mas não estaria isenta da seca, se assim Yahweh o dissesse. Cf. Osé. 14.7. Não há inflorescência sobre a terra que o hálito quente de Yahweh não reduza à podridão.

1.5

Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem. Este versículo continua a descrição do poder de Deus sobre a natureza, dando a entender que Deus pode fazer qualquer coisa que Lhe agrade, no caso do mero homem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* A presença de Deus causa terremotos, erupções vulcânicas e a desolação da terra. Essa desolação afeta a própria terra, e também os que nela habitam. As montanhas e os povos estremecem de medo diante do Senhor. Quanto aos montes como símbolos da estabilidade — e, no entanto, eles estremecem diante do poder divino —, considere o leitor o caso do monte Sinai, em Êxo. 19.18. Quanto às colinas que se dissolvem, ver Miq. 1.4. "Notemos que os portentos naturais são considerados produtos da ação direta de Yahweh" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*). O Criador não abandonou Sua criação, mas, antes, intervém, punindo ou recompensando os homens. Isso reflete o *Teísmo.* Contrastar essa idéia com a do *Deísmo,* que ensina que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou a sua criação ao controle das leis naturais. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.*

> *Com só olhar para a terra ele a faz tremer; toca as montanhas, e elas fumegam.*
>
> (Salmo 104.32)

1.6

Quem pode suportar a sua indignação? Este versículo sumaria o terror referido nos vss. 2-5. Nenhum homem, anjo ou poder de qualquer espécie pode resistir a um Deus dessa ordem, cujo mero olhar dá início a um terremoto ou põe um vulcão em erupção. Portanto, Nínive não teve oportunidade de escapar da iminente ira de Deus, tão ricamente merecida. A ira de Deus se descarregava como um rio, varrendo tudo à sua frente. Até as rochas se partiam em pedaços, para nada dizermos acerca do homem tão débil. Provavelmente, a figura simbólica aqui tencionada é a lava derretida que se derrama do cone de um vulcão. Cento e oitenta e cinco mil soldados assírios foram aniquilados diante dos portões de Jerusalém, e um único anjo do Senhor foi capaz realizar tal prodígio. E que acontece quando o próprio Yahweh intervém? Ver II Reis 19.35-37. Cf. este versículo com Sal. 24.3. Ver também Jer. 51.25,26.

1.7

O Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia. Toda essa conversa sobre um feroz julgamento não nos deve fazer esquecer de que Yahweh é bom e até os Seus mais severos juízos têm por intuito restaurar, e não meramente tirar vingança. Seja como for, quando Yahweh julgou os assírios, ele estava fazendo um favor para o mundo inteiro da época. Ele é uma *fortaleza* para o bem, um lugar onde os homens podem refugiar-se e receber proteção. Esses são símbolos militares. Yahweh, *Sabaote* (o General dos Exércitos), protege o Seu povo. Cf. essa figura com Sal. 27.1; 31.4; 52.7. Quanto ao Senhor como *bom,* ver Êxo. 34.6; Sal. 106.1; 107.1; 136;1 e Jer. 33.11.

"Aqui é enfatizado outro lado da natureza divina. A ira de Yahweh se derrama sobre aqueles que O odeiam; mas quanto àqueles que depositam Nele a sua confiança, Ele mostra amor e misericórdia (ver Deu. 5.9 ss.). A longa história de Israel, do período assírio até o fim, foi uma longa agonia de espera... Desapontada em uma de suas expectações, a nação de Israel apenas a transformava em outra expectação, e continuou esperando grande coisas da parte de Deus" (J. M. P. Smith, *in loc.*).

1.8

Mas com inundação transbordante acabará duma vez com o lugar desta cidade. Este versículo prossegue com a temível mensagem dos vss. 2-6, adicio-

nando outra figura para falar sobre a ira de Deus. "O dilúvio inundante" varrerá todos os adversários de Israel e de Deus para o esquecimento. Diz o hebraico original, literalmente, "ponto final". Foi exatamente isso que sucedeu a Nínive e ao império assírio. "Essa referência à *inundação* poderia sugerir, figuradamente, uma invasão sem restrições por parte de um exército (cf. Isa. 8.7,8; Jer. 47.2; Dan. 9.26 e 11.40). Ou pode referir-se à destruição literal por meio da água, onde os rios Tigre e Khosr tiveram suas águas inundantes destruindo parte das muralhas da cidade (cf. Naum 2.6,8)" (Elliott E. Johnson, *in loc.*). Quanto ao *ponto final,* cf. Dan. 9.26; 11.10,22,40. Diodoro Siculo (*Hist.* 1.2, par. 111) diz-nos que as forças combinadas dos medos e dos babilônios totalizavam 400.000 homens armados.

Vingança contra as Conspirações (1.9-11)

1.9

Que pensais vós contra o Senhor? Um único ato de vingança divina seria suficiente para pôr "ponto final" à Assíria, e foi assim que o império assírio morreu em um único dia. Isso pôs fim às conspirações dos assírios contra o Senhor e o Seu povo de Israel. Eles colheram o que tinham semeado, violência por violência, morte por morte (Ver Gál. 6.7,8). "A visitação divina seria tão completa que não haveria necessidade de repeti-la" (Ellicott, *in loc.*). O império assírio desapareceu da face da terra, para alívio de todos. Naturalmente, a Babilônia, tão ou mais terrível que a Assíria, tomou seu lugar, e as matanças descontroladas prosseguiram. Cf. o vs. 12. Como é óbvio, os assírios não tombaram em razão de nenhuma batalha única, mas o tempo de seu declínio e queda foi muito rápido, pelo que, para todos os propósitos práticos, ocorreu em face de um "único golpe". Ver no *Dicionário* o verbete sobre a *Assíria,* último parágrafo, onde há uma descrição da rápida queda da Assíria. O poder de Yahweh se voltou contra esse povo. A hora da queda da Assíria tinha chegado, e nenhum poder na terra poderia adiá-la.

1.10

Porque, ainda que eles se entrelaçam com os espinhos... serão inteiramente consumidos como palha seca. Os espinhos queimam de forma furiosa e se consomem rapidamente, pelo que a figura de uma rápida e total destruição é bem falada por esta figura. Cf Isa. 10.12,13. O original hebraico diz que aqueles que se queimaram também estavam *embriagados,* o que parece uma estranha combinação. Talvez o resultado tenha sido esse por causa de duas palavras similares, "entrelaçam" (no hebraico, *sebukim*) e "bêbados" (no hebraico, *sebuim*). Quanto a esse jogo de palavras, o profeta Naum combinou um estranho par de vocábulos. Algumas traduções, entretanto, ficam apenas com a idéia de um incêndio rápido, o que requer emenda do texto bíblico.

As orgias de bebidas alcoólicas conduzem à destruição, visto que os homens perdem o controle de sua mente e de seu corpo quando se embriagam. Considerem-se os casos de Ben-Hadade, rei da Síria, e de Belsazar, rei da Babilônia (ver I Reis 1.16; Dan. 6.1-30). A taça de vinho também sugere a taça da ira de Deus. Ver Isa. 51.17 e Jer. 25.15.

1.11

De ti, Nínive, saiu um que maquina o mal contra o Senhor. "Talvez a referência direta aqui seja a Senaqueribe, o qual quase destruiu a Judá, antes do tempo determinado. Ele havia planejado o mal e teria destruído a cidade de Jerusalém se o anjo do Senhor não tivesse salvado o dia (ver II Reis 19.36,37). Provavelmente também podem ter sido sugeridos outros reis: Pul (II Reis 15.10); Tiglate-Pileser (II Reis 15.29); Salmaneser (II Reis 17.6); Senaqueribe (II Reis 18.17; 19.23). Ou então conselheiros maldosos, como Senaqueribe e Rabsaqué" (Adam Clarke, *in loc.*). "Rabsaqué aconselhou o povo de Israel a não ouvir seu rei nem confiar em seu Deus, mas a render-se a ele (II Reis 18.29-31)" (John Gill, *in loc.*).

A Destruição da Assíria (Nínive) (1.12-15)

1.12

Por mais seguros que estejam... ainda assim serão exterminados. Yahweh profere aqui Seu decreto, e o que Ele disse haveria de ocorrer. Embora os inimigos de Judá fossem *muitos e fortes* (Revised Standard Version), isso não os livraria da destruição e do olvido total. Mas Israel-Judá, embora ferido, cairia no favor divino e não mais sofreria. Os planos traçados contra Judá mostraram-se tanto fúteis quanto inúteis (Jó 34.18). Cf. este versículo com Êxo. 12.12,13,23; Isa. 8.8; Dan. 9.10 quanto ao poder destruidor de Yahweh, em defesa de Seu povo. É provável que II Reis 19.32,33 esteja particularmente em mira aqui.

E passarão. Está em foco o anjo do Senhor, a cumprir sua missão destruidora. O que aconteceu na ocasião foi apenas um pequeno exemplo do que a ira de Deus faria, finalmente, contra a Assíria.

1.13

Mas de sobre ti, Judá, quebrarei o jugo deles. Judá estava sob o jugo da Assíria, por causa do pesado tributo que tinha de pagar (ver II Crô. 33.11; II Reis 7.14) e também por causa da constante ameaça de invasão e destruição. Mas o povo oprimido teria esse jugo desintegrado em pedaços e ficaria completamente livre — até que surgisse no horizonte o exército da Babilônia! Cf. Isa. 10.27, paralelo direto do versículo presente. Ver também Isa. 14.25 e Jer. 30.8.

Fortes ao encontro do inimigo,
Continuamos a marchar,
Mas a nossa causa, sabemo-lo,
Deverá prevalecer.

(William F. Sherwin)

1.14

Contra ti, Assíria, o Senhor deu ordem que não haja posteridade. Nínive seria sujeitada a julgamento mortífero. Não haveria descendentes que levassem avante a nação, porque não restaria nada da Assíria. E a idolatria seria demolida juntamente com o povo. Os templos seriam nivelados até o chão, e o culto seria aniquilado. O próprio Yahweh escavaria um túmulo para a Assíria, por causa daquela imensa iniqüidade. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria,* quanto à intrincada teia de deuses e cultos que os pagãos eram capazes de inventar. Todos os povos estão sujeitos aos decretos de Yahweh, pois Ele é o Rei universal que intervém na história humana (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*). "Não restaria ninguém para adorar, e nenhum ídolo para ser adorado. Por muitas vezes os ninivitas tinham profanado os inimigos levando embora seus ídolos e imagens. A Assíria acreditava que os seus deuses eram superiores aos de outros povos. Mas agora Nínive experimentaria a mesma sorte que tinha imposto a outros povos. O *templo de seus deuses* era o templo de Istar ou o templo de Nabu" (Elliott E. Johnson, *in loc.*). "Nem os deuses nem o templo vos salvariam. O templo se tornará o vosso sepulcro, porque sois vis: sois mais leves que o peso certo (Dan. 5.27; cf. Jó 31.6" (Fausset, *in loc.*).

1.15

Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas. Em contraste com o fim temível da Assíria (Nínive), Judá seria posto em liberdade para desfrutar os benefícios que Yahweh traria. Nínive tinha caído, e um mensageiro chegara para anunciar esse fato, bem como a *liberação* que isso produzira. Ele chegara nas colinas que circundavam Jerusalém, clamando em alta voz as boas-novas. O tempo da opressão tinha terminado. Havia paz! (Até que surgisse em cena a Babilônia!) Judá poderia reiniciar sua vida normal, incluindo o culto de Yahweh, que tinha sido interrompida. As festividades seriam recomeçadas; o sistema de sacrifícios e de votos seria reativado em consonância com as antigas leis. Ninguém apareceria para ferir ou infundir o medo. Pelo menos, a ameaça assíria estava terminada. Nínive nunca foi reconstruída. Quando Xenofonte passou pelo local onde estivera a cidade de Nínive, cerca de 200 anos depois, pensou que os cômoros de ruínas fossem de alguma outra cidade, pois ninguém teria pensado que a gloriosa Nínive fora reduzida àquele nada. Alexandre, o Grande, ao invadir aquela parte do país e efetuar campanhas militares ali, nem ao menos teve a consciência de que estava próximo da antiga e poderosa Nínive. Cf. este versículo com Isa. 52.7, que é bastante similar, embora se aplique à cidade de Babilônia.

Capítulo Dois

Descrição do Julgamento de Nínive (2.1-13)

A coligação de medos e babilônios reduziria a nada a cidade de Nínive (e a Assíria). A vilania do império assírio tinha sido realmente grande. Agora chegara o tempo de sepultá-la (ver Naum 1.14,15). Eles não cairiam mediante uma única batalha, mas a queda seria rápida e dramática. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Assíria,* último parágrafo, quanto a uma descrição. "O assalto contra Nínive; os saques de seus tesouros e o terror de seus habitantes ocorreriam porque Yahweh, o Senhor dos Exércitos, estava contra a rapacidade da cidade (cf. Isa. 5.26-30; Jer. 5.15-17)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução a este capítulo).

2.1

O destruidor sobe contra ti, ó Nínive. Começa aqui a descrição dos ataques. Tinha chegado o poder que esmagaria e dispersaria a cidade de Nínive. Ordens em favor da defesa foram expedidas: "Defesas tripuladas! Estradas vigiadas! Lombos cingidos! Força usada ao máximo!" (Charles L. Taylor, Jr., imitando o hebraico conciso do versículo. Ele terminou dizendo: "As idéias nuas são apresentadas com

toda a força possível e com mordaz ironia"). "Naum retratou o cerco, reproduzindo seu horror e selvageria, suas crueldades e falta de misericórdia, em uma linguagem tão realista que a pessoa é capaz de vê-lo e senti-lo. Primeiramente houve a luta nos subúrbios, então o assédio contra as muralhas e, finalmente, a captura da cidade e sua destruição" (Raymond Calkins, *in loc.*). As ordens foram irônicas porque tudo era inútil e vão. Cf. os mandamentos irônicos aos sacerdotes de Baal, em I Reis 18.27. Aquele que destruiria pode ser uma referência direta a Ciaxares.

2.2

(Porque o Senhor restaura a glória de Jacó...) *Uma* das razões para a destruição de Nínive é que isso ajudaria a restauração de Judá e do seu bem-estar. "Destruidores destruíram o povo de Deus. Mas o Senhor fará grande, novamente, o povo de Jacó e o povo de Israel" (NCV). Note o leitor que tanto a nação do sul quanto a nação do norte (ou seja, toda a nação de Israel) seriam restauradas. Ou *Jacó* e *Majestade de Israel* são termos paralelos para indicar *Judá*, que se tornou Israel após o cativeiro da nação do norte pela Assíria, de onde os filhos de Israel nunca retornaram. O povo de Deus tinha sido reduzido a uma condição humilde e aviltada, principalmente por causa da ameaça assíria. Mas agora era o tempo de isso chegar ao fim. Naturalmente, a Babilônia seria uma ameaça ainda maior e mais destruidora, pelo que alguns intérpretes vêem neste versículo uma profecia a longo prazo concernente à restauração de Israel na era do reino de Deus. É provável que este versículo fale sobre o aniquilamento da nação do norte por parte da Assíria. Isso será revertido na restauração, através da nação de Judá daquele tempo, e/ou através da futura nação de Israel. A expressão "os saquearam" quase certamente aponta para o cativeiro assírio da nação do norte.

2.3

Os escudos dos seus heróis são vermelhos. "Heródoto retratou parte do exército de Xerxes como quem usava fardas de tecido vermelho brilhante. Alguns pintavam o corpo, metade com giz e metade com vermelhão" (*Hist.* VII.61,69). Portanto, o presente versículo fala dos guerreiros como homens poderosos vestidos de *vermelho*, e a idéia é reiterada pela descrição: "homens valorosos estão vermelhos". Seus carros de combate eram como *chamas*, possivelmente por serem iluminados por meio de tochas. Alguns emendam o texto para fazer com que os esquadrões da cavalaria apareçam espalhados como as ondas do mar. Diz a tradução da NCV: "O metal dos carros de combate relampeja quando estão prontos para atacar. Seus cavalos estão excitados". O aço relampejante poderia referir-se às espadas *citas* que eram postas dos lados dos carros de combate para cortar os guerreiros a pé com elas. Xenofonte diz-nos que Ciro foi o primeiro a introduzir o carro de combate armado com espadas citas. Porém, há evidências de que veículos assim armados começaram muito antes do tempo desse monarca.

2.4

Os carros passam furiosamente pelas ruas. Os carros de combate são pintados como raios que se locomoviam em grande velocidade pelas ruas, correndo para um lado e para outro, como temidos agentes da morte; resplandecendo como tochas (o que comento no vs. 3) e coriscando ao redor como dardos. "Os carros de combate se precipitavam pelas ruas, correndo para a frente e para trás nos quarteirões. Eles se parecem com tochas flamejantes. Eles coriscam como relâmpagos" (NIV).

As ruas, nesta passagem, podem "incluir as avenidas e principais estradas suburbanas em redor de Nínive e levando ao centro da cidade, visto que o contexto descreve um ataque que gradualmente levava às muralhas da cidade" (Walter Maier, *in loc.*). As descrições, naturalmente, são dos atacantes, e não dos defensores da cidade.

2.5

Os nobres são chamados, mas tropeçam em seu caminho. Agora os atacantes aproximam-se das muralhas de Nínive. Os oficiais que ordenam o ataque são convocados para o cerco. Estabelece-se a confusão; alguns caem quando se aproximam; no entanto, levantam-se e continuam o avanço. Mas alguns estudiosos pensam que essas palavras são dos defensores assírios que protegiam as muralhas da cidade. Nesse caso, a questão dos tropeços é mais apropriada. Aqueles pobres homens tinham de promover uma causa perdida, não nos devendo admirar o fato de que eles tropeçassem. Eles formavam uma espécie de *escudo protetor*, cuja natureza é impossível de ser descrita. Esse mecanismo protegia os defensores de flechas, lanças e pedras, quando tentavam defender uma muralha. Ou então, se a descrição é dos atacantes, a cobertura protetora ajudava-os a manter-se vivos, até que pudessem escalar as muralhas.

2.6

O ataque foi bem-sucedido. Os portões são arrombados; homens obtêm sucesso escalando as muralhas; os guerreiros, sem dó, entram correndo na cidade para começar a matar qualquer um que fosse visto, homens, mulheres e crianças; eles tomariam grande despojo (os *salários* dos exércitos antigos). Haveria poucos sobreviventes.

As comportas do rio. Esta referência tem deixado confusos os intérpretes. Considere o leitor estes cinco pontos: 1. Alguns intérpretes supõem que a palavra hebraica para "rio" é uma corrupção do vocábulo que significa "bronze", que seria aqui mais apropriada. 2. Ou estão em pauta pontes fortificadas. 3. Ou então devemos pensar em portões *próximos* ao rio Eufrates. 4. Ou brechas foram feitas pela correnteza torrencial da água. 5. Ou então comportas do rio Khosr que atravessavam a cidade. Há boas evidências em favor desta quinta idéia nos restos arqueológicos. É possível que comportas tenham sido fechadas pelas tropas atacantes, no começo do cerco, e devessem ser abertas à força para dar acesso à cidade. Talvez as águas represadas tenham sido soltas e facilmente demoliram os portões. Seja como for, o acesso foi obtido e os atacantes invadiram a cidade, com o palácio real como primeira vítima. Talvez devamos pensar no palácio de Assurbanipal na parte norte de Nínive. Seja como for, a arqueologia demonstra que a nação tinha muitos palácios elaborados e adornados que os nobres e ricos usavam como residências.

Sabe-se que Senaqueribe tinha represado as águas do rio Khosr, e essas águas formavam um reservatório fora da cidade. Talvez as comportas desse reservatório tenham sido primeiramente fechadas pelas forças atacantes, para que houvesse acúmulo de água até níveis perigosos. Os *atacantes, pois, primeiramente* represaram as águas e então as liberaram. As águas, aos borbotões, atravessaram a cidade, criando toda a espécie de confusão, e isso ajudou os invasores em seus propósitos.

2.7

Está decretado: a cidade-rainha está despida e levada em cativeiro. Agora encontramos saques, estupros e exílio. A King James Version diz que foi levada em cativeiro *Huzabe*, presumivelmente a rainha. Mas nossa versão portuguesa provavelmente está certa ao dizer, em lugar de "Huzabe", "decretado". "Tem sido anunciado que o povo de Nínive será capturado e levado cativo" (NCV), o que provavelmente é o texto correto. Pois nenhuma rainha chamada Huzabe jamais existiu. Nínive é que era a rainha humilhada e cativada. O decreto de Yahweh era o poder por trás de tudo quanto aconteceu, pois concordava com Seu julgamento contra aquela cidade sanguinária e miserável. A Revised Standard Version, utilizando uma leve emenda, diz: "sua dama está despida, e foi levada em cativeiro". As criadas que atendiam a "rainha" choravam e se lamentavam, soando como se fossem pombas a arrulhar. Elas se lamentavam e gritavam, ao mesmo tempo em que batiam nos peitos. Cf. Isa. 38.14. Sabiam que teriam a mesma sorte da rainha; haveria estupros e assassinatos, e os poucos sobreviventes seriam exilados.

2.8

Nínive desde que existe tem sido como um açude de águas. O presente versículo pode ser paralelo à idéia número *cinco* das interpretações sobre as "comportas dos rios" no vs. 6. As águas represadas do rio Khosr foram liberadas e demoliram os portões, concedendo acesso aos exércitos atacantes. O ruído da água, ao sair da cidade, tornou-se símbolo do derramamento da alma da cidade. Como as águas represadas agora eram soltas, assim também aconteceu a todos os habitantes da cidade. As pessoas, ou seja, os poucos sobreviventes abandonavam a cidade fazendo grande ruído. Foi-lhes ordenado que *parassem*, mas nenhum deles voltou. "O povo, como se fosse água ao escapar de um tanque, fugia rapidamente da cidade. E a deixou tomado de grande pânico, de tal forma que embora alguns gritassem para que estacassem em sua fuga, ninguém ouviu a ordem. Talvez os que fugiam fossem os líderes da cidade ou os comandantes militares" (Elliott E. Johnson, *in loc.*).

2.9

Saqueai a prata, saqueai o ouro, porque não se acabam os tesouros. À matança e aos estupros, logo foi adicionado o saque. Os soldados atacantes começaram então a coletar o seu "salário", e que grande dia de despojos foi aquele! Eles não viam o fim dos tesouros acumulados na cidade, os quais eram tamanhos que ficava difícil saber por onde começar o saque. Havia montes de objetos de prata e ouro, pedras preciosas, obras de arte, móveis belamente decorados e inúmeros ornamentos.

Os *anais de Nebopolassar* fornecem aqui uma vívida descrição: "Pelas margens do rio Tigre eles marchavam contra Nínive. Houve poderoso assalto contra a cidade, feito no mês de ab. Foi efetuada grande confusão. Caíram os homens principais. Os despojos da cidade, em quantidade que desafiava qualquer cálculo, foram tomados, transformando a cidade em um montão de ruínas". Tal foi o labor da coligação dos medos e persas. Devemos lembrar que a Assíria tinha-se tornado um grande depósito de bens roubados de outros povos através do saque, pelo que estava em operação a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver sobre esse título no *Dicionário*. Aquilo que os assírios tinham furtado de outros povos agora lhes era arrancado, em justa retribuição. Já que eles eram assassinos, foram assassinados.

2.10

Ah! Vacuidade, desolação, ruína! Os assassinatos, saques e exílio deixaram trêmulos os habitantes de Nínive. A cidade estava vazia, solitária e desolada, tudo expresso vividamente pela Revised Standard Version: "Desolada! Desolação e ruína!". A NCV diz: "Roubada, arruinada e destruída". Isso deve ser contrastado com a opulência que Nínive, tão pouco tempo atrás, desfrutava. Tudo quanto valia alguma coisa foi, de súbito, varrido pelo ataque dos invasores brutais e sem misericórdia. O coração deles se tinha dissolvido; os joelhos batiam um no outro; havia angústia em seus lombos; o rosto deles tinha empalidecido. Tudo isso era merecido, por ser exatamente aquilo que eles tinham forçado contra outros povos. Os assassinos eram agora assassinados; os estupradores eram agora estuprados; os saqueadores eram saqueados; os que exilavam a outros eram agora exilados. A *Lex Talionis* (retribuição conforme a gravidade do crime cometido) era a regra do dia. Ver sobre esse título no *Dicionário*. Cf. Joel 2.6.

As três palavras hebraicas traduzidas em nossa versão portuguesa por "vacuidade, desolação, ruína" têm som semelhante e sem dúvida foram escolhidas para emprestar um toque artístico: *buqah; mebuqah; mebullaqah.*

2.11-12

Onde está agora o covil dos leões...? Estes versículos (11 e 12) repetem o familiar *motivo do leão.* Os atacantes eram como um leão macho que ataca sua presa para ter abundância de alimentos para a leoa e os leõezinhos. O leão simplesmente não demonstra receio, pois domina o meio ambiente e faz o que lhe agrada. Suas vítimas, porém, ficam aterrorizadas. Quanto ao motivo do leão, ver também Gên. 49.9; Deu. 33.20; Jó 4.10; Sal. 7.2; Pro. 12.19; Isa. 5.29; Jer. 2.30; Osé. 5.14; Joel 1.6; Amós 3.4,8 e Miq. 5.8.

No entanto, a maioria dos intérpretes faz a Assíria ser o leão, supondo que o que aqui é dito informa sobre as *antigas atrocidades dos assírios* contra outros povos. Tendo agido como um leão, os assírios seriam atacados por outro leão, ainda mais feroz, se tal ferocidade fosse possível. Pinturas e esculturas de leões eram comuns na Assíria, pelo que o simbolismo é apto. Note o leitor que o vs. 11 contém uma pergunta retórica que antecipa uma resposta negativa. Onde está aquele leão feroz que devorava a outros? Está ele em seu covil? Não! ele mesmo foi morto e foi arrancado de seu covil (Nínive). E não mais mataria suas vítimas. Esse foi o fim daquela triste história. Senaqueribe, em suas inscrições, jactava-se de ter *enfurecido como um leão.* Mas a coligação de medos e persas tirou a fúria da Assíria, reduzindo-a a uma carcaça que não mais rugia. Tal é a condenação dos iníquos.

2.13

Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos. Yahweh estava contra o leão (a Assíria); a *espada* (a guerra) devoraria os leõezinhos; e nunca mais a Assíria faria a outrem de presa; seus carros de combate seriam devorados pelo fogo, juntamente com sua capacidade de fazer guerras. Seus exércitos e seu equipamento para guerrear pereceriam juntamente. Fora *Yahweh-Sabaote,* o Deus Eterno e General dos Exércitos que tinha feito esse pronunciamento, pelo que devia exprimir a verdade. A Assíria deixou de ser uma nação. Seus territórios foram divididos entre seus adversários. Seus sobreviventes misturaram-se com as outras raças. Sua própria identidade se perdeu. Quanto à declarada hostilidade de Yahweh contra a Assíria, cf. Naum 3.5; Jer. 21.13; 50.31; Eze. 5.8; 13.8 e 39.1 quanto a declarações semelhantes.

O Fim dos Mensageiros. A Assíria gostava de intimidar seus adversários como maneira de obter o que queria, sem ter de guerrear. Submetia outras nações a pesados tributos, meramente ameaçando. Cf. II Reis 18.17-25. Mas os assírios nunca blefavam. Se as suas exigências não fossem atendidas, eles guerreavam com prazer sádico. Mas agora essa época havia terminado. Eles deixaram de ser uma nação; não mais enviariam mensageiros que ameaçassem a outros povos; nem haveria mais guerras de retaliação.

"O leão foi arrancado de seu covil com a ação da fumaça. O Senhor assumiu o controle. Ele tinha sido ofendido e agora retaliava. Nínive não mais saquearia; não mais exerceria domínio sobre os povos vizinhos. Sua população morreria nos incêndios e seria cortada à espada" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*).

Capítulo Três

Razões do Julgamento Divino de Nínive (3.1-19)

Os dias do arrogante império assírio estavam contados. Esse império tornou-se culpado dos mais hediondos crimes, e sua taça de iniqüidade estava quase cheia (cf. Gên. 15.16). "Esta seção final do livro de Naum continua as vigorosas emoções e os tons intensos do capítulo 2. Mas o enfoque do capítulo 3 muda do julgamento divino para as razões para esse julgamento. O profeta demonstrou as condições espiritualmente depravadas da cidade de Nínive, que tinha sido altiva e próspera" (Elliott E. Johnson, *in loc.*).

A Violência e o Engano da Assíria Resultariam em Vergonha (1.1-4)

3.1

Ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo. A interjeição "ai" introduz a tristeza, a consternação e, aqui, a morte iminente. Cf. Isa. 3.9. Nínive, acima da maioria das cidades antigas, era uma cidade sanguinária, o centro do império assírio, que devia a sua grandeza às matanças e ao saque. Não havia fim em suas mentiras, saques e despojos. "Ela obtivera essa reputação por meio de práticas atrozes, como decepar mãos, pés, orelhas e narizes, ou como amarrar as vítimas a videiras e amontoar os cadáveres diante dos portões da cidade. Eles eram realmente mestres do terror. Os cativos eram empalados e esfolados vivos, mediante um processo pelo qual a pele era gradualmente removida, sem causar a morte rápida" (Walter A. Maier, *in loc.*). Não havia, entre os assírios, o conceito de fidelidade aos pactos e às promessas. A cidade de Nínive era o centro do ludíbrio e das mentiras. "Em Nínive havia assassinatos diários; sangue inocente era derramado; a vida dos homens era tirada por meio de acusações falsas, quando eram usadas testemunhas falsas. Os assírios viviam em guerra contínua contra outros povos, derramando-lhes o sangue e aumentando suas riquezas às expensas deles" (John Gill, *in loc.*).

3.2

Eis o estalo de açoites, e o estrondo das rodas. Os vss. 2-4 fornecem uma série de declarações concisas que descrevem o assalto final contra Nínive. "Essas declarações são uma progressão que começa com açoites e passa por rodas e cavalos e carros de combate, chegando à cavalaria com espadas e lanças e a matanças e carnificinas generalizadas, produzindo cadáveres sem número. Essas descrições retratam o ataque contra Nínive (cf. Naum 2.3,4) e são surpreendentemente parecidas com as táticas de guerra dos ninivitas. Nínive havia empilhado muitos corpos mortos, mas agora os cadáveres dos ninivitas seriam empilhados" (Elliot E. Johnson, *in loc.*). "Oh! guerra infernal! Mas algumas vezes tu és o látego do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*).

Essas descrições recebem brevidade e concisão mediante a omissão de verbos e pela justaposição de substantivos genéricos. Há um ritmo em staccato de excelente poesia que descreve a brutalidade de homens aviltados.

Não é mau. Que eles joguem.
Que os canhões ladrem e que os aviões de bombardeio
Falem suas prodigiosas blasfêmias.
...
Quem se lembraria da face de Helena
Se lhe faltasse o halo de lanças?
...
Nunca chores. Que eles joguem.
A antiga violência não é antiga demais
Para que não possa gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

3.3

Os cavaleiros que esporeiam, a espada flamejante, o relampejar da lança. O ataque prosseguia, os cavaleiros carregavam, as espadas brilhavam, as lanças coriscavam; grande matança, corpos caídos, cadáveres amontoados, sangue que fluía em rios, homens tropeçando em mortos, e mortos adicionados aos montões de corpos. Com crua realidade, a descrição é feita em meio à excepcional poesia que caracteriza o livro. Que tema para o poeta descrever de tal maneira tão excelente! Isso nos faz lembrar da Ilíada e da Odisséia de Homero, expressões poéticas de primeira ordem, mas descrições dos mais horrendos crimes que os homens cometem nas guerras que nunca terminam.

3.4

Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz. Parte da razão para o terror é que Nínive tinha grande desejo pelo poder como uma prostituta tem desejo por seus clientes. Algumas das explorações da deusa do sexo e da guerra, da Assíria e da Babilônia, eram atos de selvageria: os deuses iguais aos homens. Essa prostituta tinha *encantos graciosos mas mortíferos* (Revised Standard Version). Além dessas transgressões, o povo era mestre da mágica, da feitiçaria e das adivinhações. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Feitiço, Feiticeiro* e *Adivinhação.* Os tipos assírios de idolatria usavam o

Doze Profecias de Naum Cumpridas Historicamente

Referências	Essências das Profecias	Realizações históricas
3.12	As fortificações assírias cairiam facilmente	A Crônica Babilônica fala de quão fácil foi sua queda. Esta iniciou-se em 614 A.C.
3.14	Tijolos e argamassa deveriam ser preparados para defesa de emergência	A arqueologia descobriu tentativas de fortificar os muros com tijolos e argamassa.
3.13	Os portões seriam obliterados	A arqueologia demonstrou o quão devastador foram os ataques contra os portões. Muros de sustentação foram nivelados.
1.10; 3.11	Os ninivitas estariam bêbados no momento do ataque final	Diodorus Sirculus (c. 20 A.C.) testemunhou este fato. Todo o exército assírio estava embriagado quando o ataque inesperado foi lançado.
1.8, 2.6, 8	Uma inundação destruiria Nínive	Diodorus e Xenofontes relataram inundações na cidade que acabaram por nivelá-la. Fortes chuvas e inundações resultantes quebraram parte das ruas e facilitaram a ação de invasão do inimigo.
1.10; 2.13 3.15	Os inimigos da Assíria atearíam fogo na cidade	A arqueologia demonstrou que Nínive foi queimada.
3.3	Um grande massacre seria realizado contra o povo derrotado	Diodorus, *Biblio. Hist.* 2.26.6-7, afirmou este fato graficamente. Um grande fluxo de sangue misturou na água.
2.9-10	Nínive sofreria um pesado saque	A Crônica Babilônica fala de como tudo de valor foi levado embora.
2.8	Alguns ninivitas tentariam escapar, alguns com sucesso	O rei Sinrsharrishkun mandou embora seus filhos e filhas e um pouco de tesouro para Paflagônia, governador de C Kattos. Muitos súditos reais foram também.
3.17	Ocorreria deserção por parte dos oficiais do exército de Nínive	A Crônica Babilônica dá evidências disso, mas faz a afirmação de maneira genérica: "o exército da Assíria".
1.14	Destruição dos ídolos de Nínive	A arqueologia confirmou este aspecto de devastação da cidade.
1.9,14	A destruição de Nínive seria final; a cidade nunca seria reconstruída	Embora muitas cidades nesta área geral fossem reconstruídas, Nínive nunca o foi.

Documentação das Profecias de Naum

Descobertas Arqueológicas:

A.T. Olmstead, *History of Assyria*

R. Campbell Thompson e R.W. Hutchinson, *A Century of Exploration at Nineveh*

Luckenbill, *Ancient Records of Assyria and Babylonia.*

Testemunho de Autores Antigos:

Babylonian Chronicle, citado por diversos autores, como Luckenbill, *Ancient Records of Assyria and Babylonia*; e *Annals of Archaeology and Anthropology*, em R. Campbell Thompson e R.W. Hutchinson, "The British Museum Excavations on the Temple of Ishtar at Nineveh"

Diodorus Siculus, *Biblio. Histor.* 2.26. 9; 2.27.13)

Xenophon, *Anabasis*, 3,4,12

modus operandi dessas "ciências". Encantamentos e presságios, ritos mágicos e prevenção do futuro eram práticas diárias daquele povo. Cf. Isa. 47.9,12; Apo. 18.2,3. Ver também II Reis 16.10; Eze. 23.5,7,11,12; Apo. 17.1,2,5,6 e 18.23.

A Queda de Nínive (3.5-19)

3.5

Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos. Os crimes de Nínive clamavam por vingança, e a espada de Yahweh já estava levantada. O Senhor era contrário àquele horrendo lugar e a seus intermináveis deboches e violência (vs. 5). Yahweh é *Sabaote,* o Senhor dos Exércitos que tem poder de cumprir Suas ameaças e, no caso da Assíria, Deus usaria as espadas dos medos e persas. As saias de Nínive seriam levantadas até acima de sua cabeça, o que significa que ela se envergonharia por causa de suas devastações. A figura, naturalmente, vem do ato de expor a prostituta com propósitos sexuais. As nações olharão com curiosidade e horror quando a prostituta for "violentada" (se essa é uma figura possível!). Eles veriam a dama dos encantamentos e das traições *envergonhada.* Cf. uma sorte similar da Babilônia (ver Isa. 47.1-3) e de Jerusalém (ver Eze. 16.37). A prostituta havia feitos com que outros se envergonhassem e se sentissem desgraçados, mas agora chegara a vez da Assíria. Ela seria sujeitada a todas as formas de desgraças, que se seguem no vs. 6. Ver também Jer. 13.22.

3.6

Lançarei sobre ti imundícias, tratar-te-ei com desprezo. Excrementos humanos seriam lançados sobre a prostituta, em um ato de total desconsideração de qualquer valor que, porventura, ela pudesse ter. Ela seria desprezada por seus atormentadores. Seria um espetáculo para outros verem o ridículo da aparência de sua pessoa, do que se fariam. "Jogarei sujeira sobre ti, e farei de ti uma tola. As pessoas te verão e te desprezarão" (NCV). A palavra hebraica *siqqus* (imundícia) pode ser usada para indicar qualquer coisa detestável, incluindo os ídolos (ver Deu. 29.17; Jer. 4.1; Eze. 20.7,8). "A glória de Nínive seria reduzida a imundícia" (Elliott E. Johnson, *in loc.*).

3.7

Há de ser que todos os que te virem, fugirão de ti. Os que olhassem para o triste quadro da prostituta aviltada e perseguida *fugiriam* para escapar de semelhante sorte (King James Version); eles *retrocederão* de desgosto (Revised Standard Version) e uivarão, não por simpatia, pois quem não se alegraria diante da queda de Nínive? mas, sim, em temor e terror diante de tão grande tragédia. Seria inútil buscar lamentadores e confortadores para ela. Ninguém seria tão hipócrita a ponto de fingir simpatia pela queda da grande meretriz. Antes, ela fora atraente, mas agora era uma massa horrenda, uma massa de ferimentos e úlceras putrefactas. Quem haveria de querê-la agora? "Nínive estava em ruínas. Quem choraria por ela? Nínive, não posso encontrar ninguém que te console" (NCV)

3.8

És tu melhor do que Nô-Amom...? Os assírios conquistaram a cidade egípcia de *Tebas* (ver a respeito no *Dicionário*) em 663 A. C., e muitas atrocidades foram cometidas ali. A queda daquela cidade fora predita pelos profetas de Israel (ver Jer. 46.25 e Eze. 30.14,16). O nome hebraico para essa cidade era *Nô* (o que algumas traduções — como a nossa versão portuguesa — retêm aqui). Era chamada No-Amum (cidade do deus Amum). A moderna cidade de Carnaque assinala o antigo local. Essa cidade fica a cerca de 645 km ao sul da cidade do Cairo. Fora edificada em ambas as margens do rio Nilo, mas principalmente na margem ocidental. Havia algo ao seu derredor, o rio, fossos e canais, pelo que tinha uma proteção natural. As águas eram uma espécie de *muralha* em volta. No entanto, ela caiu; e, por semelhante modo, Nínive também cairia, pelo que não era melhor do que aquele lugar.

3.9

Etiópia e Egito eram a sua força. Naum, o profeta, prossegue com seus comentários sobre Tebas, aquele forte e poderoso lugar que experimentou uma queda, a despeito de suas vantagens. Além de sua "proteção de água" (vs. 8), ela contava com o apoio de alguns aliados poderosos. Tebas era a mais proeminente cidade de Cuxe, região do alto rio Nilo, que corresponde ao moderno sul do Egito, ao Sudão e ao norte da Etiópia. Povos daqueles lugares apoiavam Tebas na guerra ou na paz. Outro aliado era Pute, algumas vezes identificado com a Líbia. Mas a menção de ambos esses lugares aqui favorece uma localização de Puta nas costas marítimas do mar Vermelho, tão ao sul quanto a moderna Somália. Os líbios habitavam o território que ficava ao sul, ao norte, a leste e a oeste dessa cidade, pelo que ela era circundada por ajudadores. Ver sobre os lugares geográficos mencionados neste versículo em artigos separados, no *Dicionário.* Porém, a despeito de seus ajudadores e das situações favoráveis, os assírios não tiveram dificuldade em derrotar a cidade, em 663 A. C., sob a liderança de Assurbanipal. Por semelhante modo, a abominação dos medos e persas pôs fim a Nínive e à Assíria, porquanto os assírios tinham chegado ao fim de sua trajetória na história. Eles tinham de abrir espaço para os próximos tiranos, que haveriam de exibir-se no palco da história por algum tempo.

3.10

Todavia ela foi levada ao exílio. Os assírios cometeram muitas atrocidades em Tebas. Os poucos sobreviventes foram levados cativos para serem usados como animais em campos de trabalho forçado. As criancinhas foram despedaçadas pelas mãos sem dó dos captores. Os anciãos foram lançados nas ruas e pisados. Seus poderosos guerreiros, seus capitães e generais foram atados com correntes, escarnecidos e levados para serem executados ou para serem reduzidos à escravidão. Tebas era uma cidade forte, mas isso não impediu que sofresse toda aquela brutalidade. Tebas era uma cidade gloriosa, mas há tempo em que o orgulho e o heroísmo humanos chegam ao fim. As práticas horrendas mencionadas neste versículo eram o "esporte" dos exércitos antigos, comuns à maioria das nações do oriente próximo e médio da época. As matanças modernas são mais tecnológicas, porém não menos bárbaras, e isso significa que as coisas não mudaram muito. Israel era culpado dos mesmos tipos de crimes quando tinha o poder do tempo a seu lado. Cf. Osé. 10.14; 13.16; Sal. 137.9; Isa. 13.16,18. A atroz Assíria tinha de ser tratada com atrocidade.

Lançaram sortes. Os melhores e mais fortes homens de Tebas foram divididos entre os captores pelo lançamento de sortes. Eles se tornariam escravos nos melhores lugares, embora alguns poucos fossem forçados a servir no exército assírio. Cf. Joel 3.3.

3.11

Também tu, Nínive, serás embriagada, e te esconderás. Chegamos agora à parte "e tu" da passagem. Todas aquelas coisas temíveis que a Assíria tinha acumulado sobre outros seriam acumuladas sobre ela. Nínive giraria como um bêbado, quando os golpes de Yahweh a atingissem na cabeça, deixando-a estonteada. E ela tentaria em vão fugir de seus inimigos. Ela sentiria o medo que tinha provocado em outros povos; sentiria a dor que tinha infligido contra outros. A *Lex Talionis* (retribuição conforme a gravidade dos crimes cometidos) seria a sorte dela. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* atingiria a Assíria. Ver sobre esses dois títulos no *Dicionário.* "Quanto à metáfora de um homem embriagado para descrever quem ficara embriagado por causa do castigo do Senhor, cf. Sal. 60.3 e Jer. 25.16,17" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*). Talvez a bebedeira literal dos habitantes da cidade tenha ajudado os atacantes a cumprir seu desígnio, como se deu também no caso do infeliz Belsazar (ver Dan. 5).

3.12

Todas as tuas fortalezas são como figueiras com figos temporãos. Nínive era uma cidade fortalecida ao extremo, mas na hora do teste suas fortificações não seriam melhores do que figos que com facilidade caem de uma área quando seus ramos são sacudidos. Os figos cairiam diretamente na boca daqueles que sacudiram os ramos da figueira; por semelhante modo, aquela cidade iníqua seria reduzida a uma fruta doce pelos medos e babilônios. Os "figos" cairiam com bem pouco esforço porque um poderoso inimigo era quem sacudiria a figueira. A Assíria foi avassalada por um poder superior. "As defesas de Nínive sucumbiriam fácil e rapidamente diante dos atacantes. Foi isso que realmente aconteceu, em 612 A. C." (Elliott E. Johnson, *in loc.*). Cf. Isa. 28.4 e Apo. 6.1. "Os primeiros figos a amadurecer, quando realmente amadureciam, caem da árvore diante do menor abalo. Assim também, diante do primeiro abaio, todas as fortalezas de Nínive seriam abandonadas. O rei assírio, em desespero, se suicidaria no meio do incêndio de sua residência, em seu próprio palácio" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.13

Eis que as tuas tropas no meio de ti são como mulheres. O deus *pânico* assumiria o controle de todas as coisas. Os fortes soldados assírios tornar-se-iam como mulheres, gritando, lamentando-se, e caindo em histeria. Os portões da cidade foram escancarados; a proteção desapareceu; o inimigo avançava precipitadamente; a causa da Assíria estava perdida; o sol se pôs atrás do horizonte para a Assíria e ergueu-se no horizonte para outro insensato, que entraria pavoneando-se no palco da vida. Cf. este versículo com Isa. 19.16; Jer. 50.37 e 51.30. O furioso leão da Assíria se transformaria em um minúsculo gatinho caseiro, aterrorizado pelo ladrar de qualquer cão que passasse na rua. As águas represadas do rio Khosr se precipitaram através da cidade, derrubando os portões e parte da muralha. Isso facilitou a entrada e o trabalho do exército estrangeiro. Ver Naum

2.6. Tendo penetrado na cidade, o exército atacante incendiou a cidade, numa técnica de batalha comum usada pelos conquistadores (cf. Isa. 10.16,17), e deu início à matança, aos estupros e aos saques.

3.14

Tira água para o tempo do cerco, fortifica as tuas fortalezas. *Imperativos Irônicos.* O caso era desesperador, mas o profeta disse aos infelizes ninivitas o que eles deviam fazer. Eles precisavam acumular água para o cerco, porque nenhum povo defenderia por muito tempo uma cidade, se nada tivesse para beber. E deveriam também robustecer suas fortalezas, porquanto um poderoso exército em breve estaria testando a qualidade bélica deles. Eles deveriam reparar lugares fracos nas muralhas, fortalecendo-as com tijolos e massa. Mas tudo isso era inútil porque o sol se pusera para Nínive, e a noite escura significava o fim de todo aquele povo. "A ironia é fortalecida pela minuciosa e elaborada descrição das operações que estavam destinadas a ser tão fúteis" (Ellicott, *in loc.*).

3.15

No entanto o fogo ali te consumirá, a espada te exterminará. O fogo devorador e a espada destruiriam a cidade de Nínive. Eles serão como a *praga de gafanhotos* (ver a respeito no *Dicionário*), força notadamente poderosa da natureza, contra a qual continuamos tendo pequena defesa. *Revertendo a figura,* os assírios são agora vistos como vasto enxame de gafanhotos, encontrando-se com as forças superiores que os atacavam. Seria para vantagem dos assírios se eles aumentassem em número. *Se* Nínive, no momento derradeiro, pudesse aumentar seu número, então haveria uma chance de defesa. Todavia, alguns estudiosos entendem aqui que a ordem para aumentar de número foi dirigida aos atacantes. Nesse caso, a segunda parte do versículo concorda com a primeira. Mas a reversão da figura parece mais provável como a realidade aqui refletida. A ordem para os assírios se multiplicarem quanto ao número, naturalmente, é uma ironia.

3.16

Ainda que fizeste os teus negociantes mais numerosos do que as estrelas do céu. *Outra figura simbólica* é extraída dos gafanhotos. A Assíria enriqueceu multiplicando seus negociantes como as estrelas do céu. Eles eram como uma horda gananciosa de gafanhotos arrastando-se por todo o mundo conhecido da época. Assemelhavam-se a predadores, a gafanhotos que tudo devoram, chegando a fazer desaparecer a vegetação de países inteiros. "Seus negociantes são mais do que as estrelas do céu. Mas como gafanhotos eles desnudam a terra e então se vão embora" (NCV). Cf. Eze. 27.23,24 que fala sobre Tiro. Os fenícios levavam suas guerras por toda a parte mediante a marinha de guerra. E os assírios, embora não fossem uma potência marítima, eram bem-sucedidos em suas guerras mediante as rotas terrestres.

3.17

Os teus príncipes são como os gafanhotos. *Condenação.* Embora os príncipes fossem numerosos e seus escribas fossem como nuvens de gafanhotos, em breve nenhum deles seria encontrado. Em um dia frio, os gafanhotos tornam-se mais lentos. Eles se reúnem em grandes grupos nas paredes e nas árvores. Mas quando o sol aparece no horizonte e aquece os gafanhotos, de súbito estes abrem as asas e vão embora. Era isso o que estava prestes a acontecer aos ninivitas. Ninguém poderia dizer para onde os ninivitas se foram. Em pouco tempo eles desapareceram. Um povo inteiro desapareceu da noite para o dia. E ainda há aqui um ponto a ser observado. O uso dos gafanhotos para descrever os assírios é uma figura simbólica apropriada. Esse inseto é desprezado como predador incansável que em breve pode deixar uma nação inteira com fome. A Assíria também foi assim. Eles espalharam o terror com seus ataques tipo gafanhoto contra outros povos. Algum dia, eles simplesmente voariam embora, e ninguém saberia dizer para onde tinham ido. No *Dicionário,* o artigo sobre a *Praga de Gafanhotos* fornece muito material que podem ser usado para ilustrar o texto presente.

3.18

Os teus pastores dormem, ó rei da Assíria. "As palavras finais do cântico fúnebre dos vss. 18-19 podem ser endereçadas a Sin-Sarisqum, *rei* que governava Nínive quando a cidade foi destruída, em 612 A. C., ou então, mais provavelmente ainda, ao rei Assur-Ubalite (612-609 A. C.), que tentou manter unido o império, até que finalmente a Assíria se despedaçou em 609 A. C., três anos após a queda de Nínive. Ao pesquisar seu devastado império. ele pôde verificar que seus líderes (pastores e nobres) estavam mortos (referidos neste versículo como quem *dormia;* cf. Sal. 13.13; Dan. 12.2), e que o *povo* que não fora levado para o cativeiro estava disperso, para nunca mais se reunir. Esse império que, durante séculos, fora invencível, seria totalmente desintegrado" (Elliott E. Johnson, *in loc.*).

Provavelmente está correto falar desses líderes como *mortos*, não fazendo isso querer dizer apenas que eles eram descuidados ou negligentes. Devemos lembrar que o império assírio estava sendo *destruído.* Os líderes não somente se mostravam omissos quanto a seus deveres; já estavam apodrecendo no solo pátrio. Quanto à idéia de terem sido *dispersos,* cf. I Reis 22.17. "Eles jaziam no sono da morte, tendo sido executados" (Jerônimo, *in loc.*). Cf. Eze. 15.16 e Sal. 76.6.

3.19

Não há remédio para a tua ferida. *O Caso Era Fatal.* Nada poderia impedir ou estancar a dor que sobreviria a Nínive; nada seria capaz de curar a ferida que os medos e babilônios infligiriam contra a cidade. Nada poderia fazer o cadáver ninivita voltar à vida. O mundo inteiro bateria palmas em júbilo, quando a Assíria caísse. Cf. Sal. 47.1. A morte dos tiranos não seria chorada. O cadáver assírio ficaria estendido no chão, insepulto. Seria a desgraça total. Haveria alegria e alívio por toda a parte, exceto na Assíria. Qualquer pessoa que passasse e visse a devastação da Assíria perceberia que a ferida aberta que jamais poderia ser fechada. Cf. Isa. 1.6,7. A crueldade interminável praticada pelo povo assírio atraiaria o fim da própria nação. Ver o artigo sobre a *Assíria* e sobre *Nínive* no *Dicionário,* quanto a detalhes sobre os últimos dias do império e da cidade.

> *Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção.*
>
> (Gálatas 6.7,8)